

## EVENTO E ESPAÇO: UMA MICROANÁLISE DE HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO

Francisco Wellington Gomes Filho<sup>1</sup>

**Resumo:** Este breve estudo tem como foco analisar relatos de sujeitos que narram suas experiências com assombrações. No texto se encontram narrativas de moradores da cidade de Limoeiro do Norte-CE, estas recolhidas por meio de entrevistas, gravadas e transcritas. Tem-se como ênfase uma perspectiva micro do conceito de evento que nos fará permear o passado, o presente e o futuro existentes nas narrativas. É na perspectiva teórica temporal de Koselleck (2014) que delinearemos os medos, os símbolos, as práticas e os lugares que experienciam os sujeitos. Busca-se com isso compreender a interação que esses sujeitos estabelecem com os espaços e as assombrações nos relatos. Através de uma metodologia micro-histórica será possível entender o caráter da trajetória dos sujeitos no evento, suas ações e gestos, suas sensações e emoções. Desse modo, veremos como essa complexa interação entre sujeitos e assombrações delineiam um percurso temporal e espacial na própria narrativa de assombração enquanto evento histórico.

**Palavras-chave:** Evento. Espaço. Assombrações. Microanálise. Lugares.

## EVENT AND SPACE: A MICROANALYSIS OF HAUNTING STORIES

**Abstract:** This brief study focuses on analyzing stories of subjects who narrate their experiences with hauntings. The text contains narratives of residents of the city of Limoeiro do Norte-CE, collected through interviews, recorded and transcribed. The emphasis is on a micro perspective of the concept of event, which will allow us to permeate the past, the present and the future existing in the narratives. It is in the temporal theoretical perspective of Koselleck (2014) that we will delineate the fears, symbols, practices, and places that the subjects experience. We seek to understand the interaction that these subjects establish with the spaces and the hauntings in the stories. Through a micro-historical methodology, it will be possible to understand the character of the trajectory of the subjects in the event, their actions and gestures, their sensations and emotions. In this way, we will see how this complex interaction between subjects and hauntings delineate a temporal and spatial path in the haunting narrative itself as a historical event.

**Keywords:** Event. Space. Hauntings. Microanalysis. Places.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Mestrado Interdisciplinar de História e Letras (MIHL), da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), tendo sido bolsista do PET-MEC. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). E-mail para contato: [wellingtongf20@gmail.com](mailto:wellingtongf20@gmail.com).

## 1 Introdução

Os relatos aqui elencados nesta análise são de pessoas que contam histórias de assombração que ocorreram com elas próprias ou histórias que chegaram a elas através de outras pessoas<sup>2</sup>. Cada história é analisada procurando perceber a relação das experiências narradas com o espaço (e seus lugares) e com o desenrolar temporal (passado, presente e futuro) de cada narrativa/evento<sup>3</sup>. Assim, é através de uma descrição densa da qual se refere Geertz (2008), de um vai e vem da estrutura temporal mencionada por Koselleck (2014) e de uma micro-história de acordo com a perspectiva de Levi (1992) que o percurso historiográfico aqui proposto será alcançado.

Pensar a relação de evento e espaço em uma perspectiva micro nos conduz para um conjunto de análises e explicações repletas de complexidade. As experiências dos sujeitos em um dado espaço/tempo estão imbricadas de práticas, ações e simbolizações. A interação dos sujeitos no espaço em que estão circunscritos podem nos revelar características do próprio espaço, bem como do evento que estão experienciando. Abordar essas interações através de um olhar micro nos fará esmiuçar os detalhes do evento e da espacialidade em volta, mas também fará nos deter numa visualização do tempo como elemento que atravessa as ações dos sujeitos.

Desse modo, é importante esmiuçar alguns pontos. (1) O evento histórico constitui-se de singularidades e regularidades, e o que queremos primeiro aqui é analisar as singularidades de cada evento, por dentro dos detalhes que o constituem, e que são percebidas nas narrativas dos sujeitos em questão. Cada evento aqui é uma história de assombração. Na primeira parte, decidi por trabalhar o lobisomem, uma assombração muito frequente nas narrativas dos entrevistados. Na segunda parte, a análise se deteve em histórias de alma. Ambas demonstram interações distintas com os sujeitos e com o espaço e os lugares em volta.

Nessas histórias não desprezarei as regularidades, até porque as histórias de assombração também revelam traços comuns tanto nos tipos de assombração como em suas simbologias. Porém, o singular será mais meticulosamente olhado, pois ele pode estar repleto de detalhes que poderiam

<sup>2</sup> Esses narradores são da cidade de Limoeiro do Norte – CE, e suas narrativas ocorrem nas comunidades do Espinho e José Simões. Somente na narrativa de Zenaide Silveira Cunha não foi possível delimitar a comunidade.

<sup>3</sup> No decorrer do texto utilizarei a palavra “evento” para designar também “narrativa”. Ambas estão sendo usadas para nominalizar o começo, o meio e o fim das histórias de assombração relatadas. Sempre que aparecer a palavra “evento” ou “narrativa” estou me referindo ao que me foi relatado.

passar despercebidos caso déssemos ênfase maior as regularidades do evento em análise (Cf. KOSELLECK, 2014).

O evento é composto de sujeitos e ações em uma espacialidade e temporalidade (2) A espacialidade é configurada em termos de rios, matas, veredas, casas e quartos. Esses espaços chegam a interagir com o sujeito que os adentra, e por outro lado, o indivíduo ao participar dessa interação vê-se confrontado com aquilo que o espaço de assombração te revela, aquilo que, como espaço, te propõe. Assim, para a interação e fluxo entre espaço e indivíduo ocorrer, é preciso existir uma participação que faça essa dualidade (espaço e sujeito) interagir e produzir uma organização de interações e significados (Cf. TUAN, 1983).

O espaço aqui é categorizado como amplo, absorve uma variedade de lugares, assim como as práticas presentes nestes. Os lugares nesta perspectiva estão circunscritos, diferenciados uns dos outros pelas práticas daqueles que o permeiam. Os lugares se fixam no espaço e dão corpo a ele, transformam-no numa multiplicidade de sentidos que são representados onde está o sujeito (Cf. CERTEAU, 1998). Uma árvore, um rio, uma cama, uma rede de dormir são lugares praticados pelos sujeitos, são lugares de experiência e ação.

(3) A temporalidade é a percepção e a organização do tempo (Cf. SANTOS, 2017). Aqui a relação entre passado, presente e futuro contemplará um vai e vem no tempo para explicar as nuances do evento. Contudo essa organização do tempo em meus relatos não é perceptível, não fica explícito nem implícito nas falas dos narradores uma intencionalidade de organização do tempo. Isso não significa que não se possa perceber o passado, o presente e o futuro em cada ação no evento, mas que não existe um modo explícito expressado pelos narradores de que o tempo é organizado desse modo ou de outro. Por exemplo, não há falas como “esse é o jeito que percebo o tempo de minha época, essa é a forma que entendo o tempo que vivo”. Os narradores simplesmente narram uma história que os remete a um passado que se torna presente através do ato de lembrar.

As ações que permeiam a temporalidade não estão dissociadas da espacialidade que especificamos acima. O tempo será analisado de modo a entender como o passado, o presente e o futuro se articulam nas ações dos sujeitos que fazem parte do evento. Suas experiências deixam rastros, o espaço de experiência como um todo se articula com seu horizonte de expectativa. Esse segundo conceito meta histórico não joga seu olhar apenas para o futuro, mas também para o passado e para o presente. Os dois conceitos em conjunto contribuem para um melhor entendimento das dualidades temporais que se formam nos momentos de análise: passado-presente, presente-passado, presente-futuro do relato de assombração (Cf. KOSELLECK, 2006).



Essas dualidades são analíticas, elaboram uma visualização melhor das ações dos sujeitos. Será comum haver uma quebra da expectativa: por isso um presente-futuro. As outras duas dualidades são vias que fluem uma através da outra, é o modo como o ato de lembrar se move em busca das memórias: o que foi lembrado no presente é passado agora, porém já foi presente algum dia na experiência vivida do sujeito que lembra (Cf. BERGSON, 1999).

O presente será tomado como referência de partida quando situado no evento. O desenrolar do evento tem um começo, meio e fim; um antes, um durante e um depois; um passado, um presente e um futuro. Quero delinear cada estrato temporal do evento de assombração e articulá-lo com o espaço a sua volta, suas demarcações dos lugares e com as experiências que os sujeitos apresentam em cada interação com a assombração.

Dentro dessa estrutura de análise, as experiências revelam símbolos, que conforme Geertz (2008) são entendidos como concepções que vinculam um significado a um ato, objeto ou acontecimento. O enfoque será dado sobre as assombrações, os sujeitos e as simbolizações de ambos dentro do evento. Tudo isso dentro de uma comparação dialógica com outras historiografias em que o símbolo aparece, mas com significado diferente. Já que falaremos de culturas, espacialidades e temporalidades que não estão ligadas (temporalmente e espacialmente), poderemos perceber as variações de significado que cada símbolo apresenta e tece em um conjunto de análises que corroboram para produzir significados.

É importante evidenciar também que os atos dos sujeitos podem revelar práticas, que apresentam conteúdo religioso em alguns casos, como as rezas oferecidas às almas, mas também aqueles que não provém de uma religiosidade e crenças, como as transformações dos lobisomens nas pocilgas dos porcos. Em ambos os relatos temos tipos diferentes de práticas, mas que revelam facetas importantes para entendermos os espaços e a relação que os assombros tem com os sujeitos a quem eles se apresentam.

Assim, de forma dialógica, busca-se articular todas essas nuances numa análise micro-histórica. Para Giovane Levi o trabalho do micro historiador é como uma ciência experimental, um trabalho que se faz em meio à variáveis. Em suma, uma “micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (LEVI, 1992, p. 136).

É em busca dos detalhes na interação entre assombração e sujeitos dentro de um encadeamento temporal e espacial que faremos uma história em micro. Aqui a micro-análise é uma atribuição para vermos detalhes que poderiam passar sem ser notados, mas a questão é relacionar

todos os detalhes do evento de assombração: sujeitos, assombro, espaços, lugares, símbolos, ações e estratos temporais. Desse modo desbravarei três narrativas: a primeira é de lobisomem e outras duas de almas que surgem para os vivos, cada uma a seu modo trazendo suas diferenciações.

## 2 A Assombração Lobisomem

Uma das assombrações mais frequentemente encontradas em histórias mundo a fora são as de lobisomem<sup>4</sup>, desde ocorrências no Recife-PE ou na Lituânia, elas aparecem nos relatos das pessoas. Em cada local com suas faces diferentes, fruto, é claro, de culturas distintas. Em Recife, da primeira metade do século XX, se encontra com bastante frequência ataques de lobisomens nas estradas, perante noites escuras, contra aqueles que passavam por determinados lugares. Dentre os casos temos o de Josefina, que é atacada em uma estrada, tendo seu vestido rasgado e o corpo machucado. Mas como ela se salvou desse ataque? Recorreu ao chamado do nome de nossa Senhora da Saúde. Fazendo isso, o lobisomem por temor foi-se embora deixando para trás a garota repleta de medo (Cf. FREYRE, 1987).

Bem diferente desse caso, como afirma Ginzburg (1988), é de um velho chamado Thiess, um lobisomem da Lituânia, do final do século XVII, que lutava contra feiticeiros e o diabo, e caso vencesse a batalha a colheita daquele ano era abundante, caso perdesse a ruína cairia sobre os campos dos agricultores. Podemos perceber, apenas nesses dois casos, diferenças bastante acentuadas. Não só pela espacialidade e pela temporalidade, mas também pelas ações que cada lobisomem tinha naquela cultura e no imaginário das pessoas daquelas localidades.

Já em Limoeiro do Norte – CE, temos uma narrativa que se passou em 1939, de Zenaide Silveira Cunha<sup>5</sup> e sua mãe que presenciaram um momento de medo que se assemelha mais com o caso do Recife, mas essa semelhança só coincide com uma característica entre os lobisomens: ambos pretenderam atacar e impor medo as suas vítimas. Em resto as variações são bastante acentuadas.

Zenaide conta que aos 6 anos, já tarde da noite deitada para dormir, ouviu junto com sua mãe uns “rebuliços” pela parte de fora da casa: algo se esperneava na cama dos porcos ou dos cavalos e fazia seus espetáculos. Era na cama dos porcos, a mãe dela estava vendo. Isso despertou uma sensação de temor na menina, porém sua mãe se dirigiu à cozinha, pegou a espingarda de seu falecido marido e, por debaixo de uma brecha de madeira na porta da cozinha, deu um tiro e o

<sup>4</sup> Gilberto Freyre, *Assombrações de Recife Velho* (1987); Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1999); Carlo Ginzburg, *Andarilhos do bem* (1988);

<sup>5</sup> Zenaide Silveira Cunha, 85 anos. Entrevista gravada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 01/04/2018.

“bicho” recuou: era uma criatura transformada em lobisomem. Após o tiro de espingarda de sua mãe, o lobisomem fugiu e não mais apareceu, mas não foi morto, segundo Zenaide, porque “se o bicho levasse um tiro de espingarda, fosse como fosse e ele não morresse nunca mais ele virava lobisomem, deixava a vida de lobisomem”.

O relato se constitui como um evento na vida de Zenaide e de sua mãe. O seu desenrolar configura-se dentro de um passado: o momento antes do confronto com a assombração; de um presente, que se faz aparecer em quase todo o relato, e nesse caso é o confronto; e de um futuro, que é depois do ato de atirar. Cada divisão temporal dentro do evento corrobora para sua própria construção. Essa visão de curta duração é essencial para qualificar uma análise sobre o evento que ocorreu (Cf. KOSELLECK, 2014).

Aqui as divisões temporais (passado, presente e futuro) se imbricam dentro da estrutura do que foi narrado. No momento, pouco antes do confronto, percebemos detalhes do espaço que envolvem as personagens do relato: a casa e o quarto (lugares de aconchego e segurança) e a parte externa, que circunscreve todo o quintal e a pocilga. Dentro da casa, o quarto, lugar de descanso, sofre uma alteração, no momento que sons estranhos (rebuliços) são percebidos. Isso ocorre por que as pessoas, ao sentirem um sentimento de temor e medo, alteram o significado do lugar que estão. Ali naquele momento, prestes a iniciar-se o confronto entre a mãe e a assombração, o lugar fixo onde está Zenaide simboliza uma tensão entre significar descanso ou temor. O espaço como um todo, que envolve o quintal (parte externa), a casa e o quarto modificam seus usos e sentidos conforme as atribuições dos sujeitos (Cf. CERTEAU, 1998).

Avançando um pouco no evento, o desenrolar do presente emerge da ação: desde a percepção até o lobisomem sofrer o tiro. É o momento mais extenso do evento. De certa forma vemos o presente predominar aqui. Quando percebido, a mãe de Zenaide vai até a cozinha, e lá encontra a espingarda de seu falecido marido. Percebendo o que estava acontecendo, encontra uma brecha debaixo de uma madeira da porta e atira no lobisomem. O tiro o fez recuar, “o bicho empurrou de cabeça acima”, como disse Zenaide. Logo após o tiro, o lobisomem fugiu e nunca mais voltou a aparecer. Todo o estar acontecendo do momento presente da cena faz modificar os usos que os personagens fazem do lugar que estão, assim como das sensações que expressam.

A atitude de ir à cozinha pegar a espingarda revela uma tensão de confronto com o assombro, o que parece é que, por ter um meio de se defender em casa, a mãe de Zenaide não se deixa amedrontar e resolve expulsar o invasor. O ato de atirar que afugenta a assombração, constitui-se em uma prática de fazê-lo ir embora. Percebe-se também que o espaço da cozinha que se transforma



em local para confronto, agora também é o local mais seguro, a porta é a principal barreira que separa elas do lobisomem. O tiro simboliza uma defesa com sucesso, o bicho recua e vai embora, nunca mais retorna. A prática é bem sucedida. Aqui também se percebe que a sensação de fazer recuar o lobisomem diminui o medo de Zenaide e de sua mãe. Mas fica a dúvida sobre o que aconteceria caso não tivessem um instrumento de defesa em casa, ou se não soubesse, sua mãe, usá-lo. Seria semelhante ao caso de Josefina, mostrado anteriormente?

O que sabemos é que o medo se extinguiu quando a assombração foi embora. O tiro não o matou, mas ele não voltaria a transforma-se novamente em lobisomem, “deixava a vida de lobisomem” como Zenaide relatou. O momento futuro surge como uma expectativa que para elas se completou, a assombração não voltará. Para a assombração, o seu recuo perante o tiro de espingarda significa não ter mais uma vida como lobisomem. E depois disso dele não sabemos mais nada, foi-se, não voltou mais e nada mais foi dito sobre ele.

Vemos que os espaços experienciados em todo esse evento constituem-se de emoções, ações e práticas. Nem sempre essa tríade é encontrada quando analisamos histórias de assombração, seja de que tipo for. Isso é importante deixar claro, pois cada história apresenta detalhes distintos, suas diferenciações, e isso torna cada narrativa única. As emoções que mais se apresentaram foram o medo, desde o aparecimento do lobisomem, até ele fugir e o alívio que se instala quando o tiro foi bem sucedido. O medo que é visto como símbolo de morte, aqui tem sua permanência durante o estar acontecendo do evento no presente, mas no horizonte futuro esse símbolo de morte se extingue. Os lugares da casa voltam a ser ressignificados, reconfigurados, e o quarto e a casa como um todo voltam a ser símbolos de segurança e aconchego. “A insegurança é símbolo de morte, e a segurança símbolo de vida” (DELUMEAU, 2009, p. 23).

Outro elemento do mundo natural que contribui para aumentar essa insegurança é a noite. Ela é um elemento inerente e engloba o espaço externo. Dentro da casa ela não predomina, ou seja, a noite não atrapalha a visualização das pessoas que estão na casa e nem impede a mãe de Zenaide de reconhecer que se tratava de um lobisomem, mas a noite parece ser nesse relato o momento propício para a execução da transformação em lobisomem, para a realização do ataque, para a imposição do medo e até para a fuga.

A noite, as trevas e o escuro simbolizam ações maléficas e essas características estão ligadas “a agitação, a impureza, ao barulho” (DURAND, 2012, p. 92). É o que percebemos em nossa análise, a primeira impressão que Zenaide e sua mãe tem é dos “rebuliços” na cama dos porcos: movimentos de transformação, que são uma prática para o transmutar-se em lobisomem.

Dentro desse contexto narrado percebemos que o lobisomem, termo de origem germânica, também atacava mulheres em outras épocas e espaços. Em Gévaudan, cidade francesa, por volta dos anos 1760, um lobisomem atacou principalmente mulheres grávidas e crianças. A criatura impôs seu medo e aterrorizou a população por muitos anos. Sua aparência é de lobo, porém não tinha as patas muito compridas (Cf. DELUMEAU, 2009).

Diferente de nossa história, as únicas semelhanças entre os lobisomens são a imposição do medo e a escolha de atacar mulheres e crianças. No relato, apesar de Zenaide dizer que era um lobisomem, ela não descreve como a assombração era, diferente do caso francês que traz Delumeau (2008). A prática de dar um tiro e fazer o assombro ir embora nos remete a pensar isso como um ritual prático de fazer assombrações do tipo lobisomem fugir, e isso é semelhante ao ocorrido em Gévaudan nos idos dos anos 1760, onde as balas dos fuzis eram mergulhadas em água benta para surtir efeito contra a fera.

Com relação ao medo e o ataque as mulheres, há uma regularidade, tanto no ocorrido em Recife, em Limoeiro do Norte, assim como em Gévaudan. Esses dois casos (em Recife e Limoeiro do Norte) se assemelham quanto ao medo da morte e ambos têm como cenário lugares escuros (os ataques se dão no período da noite), isso leva as mulheres dessas histórias a serem vistas como vítimas em potencial. Muito provavelmente o ataque às mulheres está ligado à sua condição na sociedade em que vivem. A organização social do Brasil em 1939, é permeado por uma liderança masculina, onde predomina a instituição do patriarcado. Fora as exceções, nas quais as famílias não tinham o homem como “Dono” da casa, a predominância na composição familiar de chefia era o sujeito masculino (Cf. ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008).

Mas nossa história revela que Zenaide e sua mãe se encontram nessa exceção, de uma família sem homem. E desde o séc. XIX era comum que as mulheres, com ausência do marido, se tornassem as líderes do seu seio familiar, conforme afirma Dias (1984). E este é o lugar ocupado pela mãe de Zenaide: da mulher que confronta e defende seu lar. Ressalto essa posição social da mulher, pois a escolha do lobisomem pode estar ligada a ver mulheres e crianças como indefesas. Porém a assombração não sabia da existência da arma de fogo, talvez se soubesse, hesitasse em realizar o ataque.

Na história de Zenaide, o lobisomem pouco sabia que seria atacado, e nos outros casos, uma forma de defesa também ocorre. Lembremos que Josefina recorre a uma Santa para fazer o bicho ir embora. Em Gévaudan, as balas dos fuzis eram mergulhadas em água benta e usadas para afugentar o lobisomem.



Percebe-se que as simbolizações e as práticas configuram as próprias experiências dos sujeitos. Cada detalhe expressa uma forma diferente de lidar com o medo e com a assombração. A relação entre o evento, os espaços aos quais estão circunscritos os lugares, e os estratos temporais dinamizam uma configuração de significados para o evento em seu desenrolar. Entender os lugares de medo e suas modificações, os enlaces temporais de continuidade, colaboram para uma visão complexa do evento.

### 3 Almas dos mortos entre os vivos

Em 1961, na comunidade do Espinho, José Hélio Gomes<sup>6</sup>, naquela época com 8 anos de idade, saiu com seu pai para uma pescaria no final da tarde em finais de fevereiro. Diante as dificuldades de alimentação, o pai o chamou para acompanhá-lo ao córrego para tentar pescar alguns peixes para o jantar e o almoço do dia seguinte. O local de destino foi próximo ao poço de finado Severo. Ao chegarem na beira do rio, o pai de José Hélio, Jesus Gomes, pediu ao filho para esperar enquanto ele ia ao local mais apropriado para tentar realizar a pesca. O menino ficou a uns 300 metros de onde o pai estava, deitado de cabeça para cima olhando o céu escutava os “lances” da tarrafa baterem na água: “Vuuulll!, Vuuulll!”. Alguns minutos depois seu pai chegou e lhe disse que não havia pegado nada, finado Severo não havia deixado: sempre que ele lanceava, Severo lanceava encostado. Com isso não pegaram peixe algum e voltaram para casa de mãos vazias.

Esse relato revela algo que é bem distinto quando comparamos com a narrativa de lobisomem analisada anteriormente: a presença do medo não é sentida pelo pai de José Hélio. Vemos que o temor de estar naquele lugar para pescar não impunha nenhum medo *a priori* a Jesus Gomes. Ele também não sabia que Severo não o deixaria pescar. Porém antes de adentrarmos a complexidade desse evento, percebamos, como fizemos anteriormente, que espaço era esse, que lugares ali são percorridos pelos sujeitos e também o antes, o agora e o depois do desenrolar do evento.

Pela narração da história vemos que o caminho percorrido pelos dois já era conhecido. O trajeto tem como finalidade chegar no córrego do Riacho Seco, lugar propício para a pesca nessa época do ano, pois as chuvas do inverno já haviam iniciado. Ao percorrerem essa trajetória criaram a expectativa de pegar alguns peixes para alimentar a família. Ao chegarem à beira do rio, Jesus Gomes se dirige ao local mais favorável para a pesca, porém é impedido de completá-la, uma presença ao que parece sentida faz surgir barulhos na água e impede os peixes de serem capturados

<sup>6</sup> José Hélio Gomes, 65 anos. Entrevista gravada em Limoeiro do Norte no dia 03 de junho de 2018.

pela tarrafa do pescador. Próximo à beira do rio ficava o chamado poço de finado Severo. Nome dado pela frequência com que esse homem ia para aquele local do rio pescar. Assim, temos um caminho, a beira do rio e o poço como lugares específicos.

Na perspectiva do desenrolar temporal, o passado do evento é desde o momento de saírem para pescar até José Hélio ficar deitado esperando o pai voltar; o presente, é todo o ato de pescar de Jesus Gomes até ele falar o que aconteceu para o filho; o futuro, são os motivos que levaram a não realização da pesca de nenhum peixe até irem embora. Essa estrutura é baseada como a da narrativa de lobisomem do tópico anterior, tomando o presente como referência para demarcar as estruturas temporais: passado e futuro. Isso porque é no presente que ocorre a interação entre o sujeito e a assombração.

Temos visto os lugares serem narrados e se tornarem repletos de medo com a presença da assombração. Nesse caso ocorre uma semelhança, pois desde o momento de irem para o rio nenhum sujeito menciona a possível presença de alguma aparição, visagem ou alma, assim como Zenaide e sua mãe não sabiam que poderiam ser atacadas por um lobisomem. Aqui o medo não se apresenta *a priori*, um lugar envolto ou atravessado pelo temor não existe. É a surpresa que toma os sujeitos e traz consigo um medo assombroso.

Ao chegar na beira do rio, José Hélio conta que ficou esperando seu pai voltar, mas algo aconteceu: ele esculta os lances da tarrafa na água, para o menino parecia uma pesca bem sucedida, seu horizonte de expectativa para aquela espaço de experiência da pesca estava bem delimitado e certo. Ele achava que os peixes seriam pescados, porém não é isso que ocorre, o pai volta e lhe diz que não pescou nada, as expectativas do menino vão se desfazendo, seu pai lhe explica que finado Severo não o deixou pescar, que sempre lanceava junto com ele (Cf. KOSELLECK, 2006).

Na narração da história, José Hélio não menciona que viu alguma coisa, somente que ouviu, também não nos diz se seu pai viu algo, apenas que Severo lanceava junto. Aqui temos uma pessoa que ouviu e uma que experienciou diretamente: o pai pode ter visto a alma, mas isso não fica claro. Também é possível pensarmos que ele só ouviu e viu o movimento do que seria uma tarrafa batendo na água ao seu lado, mas não viu ninguém lanceando. Não podemos precisar se se tratava de uma alma que poderia ser vista pelo pai ou só o som de uma alma fazendo barulho da tarrafa sendo lanceada no rio.

O que podemos concluir é que Severo impossibilita alguém de pescar ali, o lugar é delimitado por uma assombração que faz modificar os usos do lugar. O lugar para a pesca do rio e o poço que leva o nome da assombração simbolizam demarcações que fortalecem a presença da mesma. As

modificações dos usos ocorrem como uma surpresa para os dois sujeitos, um espaço de pesca se transforma em lugar de desilusão. “A singularidade de uma sequência de eventos pode ser vista empiricamente onde se experimentam surpresas. Ser surpreendido significa que as coisas não aconteceram da forma esperada” (KOSELLECK, 2014, p. 23).

A pesca do peixe que significaria fartura agora é uma quebra de expectativa, nada foi conseguido, e voltar de mãos vazias revela que aquele lugar não é mais favorável para a pesca, eis a surpresa. Esta singularidade, de realizar pesca para alimentar-se, remete a modificação do lugar experienciado e a uma possível repetição. Digo isso, porque realizar a pesca é um procedimento comum para a família de José Hélio, porém o aparecimento da alma é um acontecimento surpresa, ele muda a experiência com o espaço simbólico que representa o rio e seus lugares, respectivamente: o local da pesca e o poço. A interação entre esses dois locais impacta na relação tanto do sujeito com o espaço do rio quanto do sujeito com o assombro.

O rio é símbolo comum tanto na experiência ordinária das pessoas como em sonhos, e Laura de Mello e Sousa (1986) por exemplo, nos conta o caso de Luzia Pinta que aos 12 anos, ainda em Angola, cai no chão e em meio a um sonho se vê na beira de um rio que deve atravessar. O rio simboliza o mundo dos vivos e o outro lado, um caminho sujo: o além, mundo dos mortos. Percebemos aqui algumas diferenças nos significados do espaço que é o rio para quem se defronta com ele. Na história de José Hélio, o rio é um atrativo para que a alma venha a executar uma ação que é o ato de lançar junto. No caso de Luzia Pinta é uma demarcação entre dois mundos: o rio é usado para distinguir o que é lugar dos vivos e qual é o lugar dos seres do além. No relato de José Hélio, o rio delimita um lugar que ao adentrá-lo a alma se manifesta, não parece haver uma diferenciação por parte dos sujeitos que aquele é um espaço só para alma, porém a mesma se impõe sobre aqueles que tentam invadir um lugar que ela, alma, tem para si.

Outro caso mencionado pela historiadora, é a de um negro de nome Carlos que, em 1668, foi pescar e atirou um arpão em um peixe-boi. Não obtendo êxito, o animal fugiu. Depois ao contar o ocorrido a seu amigo Dionísio, que zombou do acontecido, esse decide em outro dia de pescaria passar a nado para o outro lado do rio. Na travessia algo lhe puxou os pés, e após essa tentativa passou alguns dias assombrado. Nessa história percebemos novamente o rio como espaço onde permeia uma assombração, mas agora em seu interior. O que puxou Dionísio o deixou amedrontado e assombrado, aqui o rio circunscreve um espaço de medo e o lugar da travessia e sua trajetória a nado são os pontos onde começa a tensão entre sujeito e o que o assombrou (Cf, SOUZA, 1986).

Quando comparamos com o relato de José Hélio vemos outra diferenciação, pois não há contato entre a água do rio e os sujeitos, somente a tarrafa, o instrumento de pesca que toca a água. Será que depois do primeiro lance da tarrafa a alma de Severo se fez presente ou simplesmente ao adentrar a beira do rio ele já estava lá esperando o primeiro lance para depois lançar junto? Pelo que conta o pai de José Hélio, finado Severo começou a lançar junto com ele com o intuito de espantar os peixes, isso reforça que a presença de Jesus Gomes na beira do rio já agitou a alma de Severo e o fez executar a ação, e não somente a partir do primeiro lance da tarrafa.

Outra menção à interação entre sujeitos e rios é referente à Idade Média, no País de Gales, na província de Hereford, onde a tropa dos mortos é vista cavalgando sobre o rio Wye, que demarca a fronteira com a Inglaterra. Em outro momento, o rio também é usado para levar as almas dos mortos suicidas, privados de uma sepultura conforme os ritos cristãos. Nesse contexto, no primeiro caso, parece que o rio simboliza um lugar de pertencimento dos mortos, como se eles habitassem aquele lugar e, no segundo, uma fronteira entre o mundo dos vivos e dos mortos (das almas) onde realizam uma passagem (Cf. SCHMITT, 1999).

Aqui o rio Wye, tomando como referência o segundo exemplo, aparece como delimitador, semelhante ao caso de Luzia Pinta, mas diverge do nosso. O lugar da pesca, que Jesus Gomes tenta realizar, não é delimitador do mundo dos vivos e dos mortos. É local de tensão onde a alma tenta preservar seu lugar, se impor. Se assemelha nesse caso com a tropa dos mortos que tem o rio como espaço de pertencimento, de apropriação para as suas cavalgadas.

Gilbert Durand (2012), ainda menciona o rio com várias simbolizações, ele refere-se ao rio como água escura, fonte de medos e terrores das trevas. Cita o rio infernal, simbolizando água negra e perigosa. Porém, fala também sobre a simbolização hindu do rio Ganges como a Grande Mãe que preenche todas as águas terrestres, assim, fruto de vida e abundância.

Vemos aqui diferenciações bem acentuadas, mas também uma similaridade. O rio como fonte de terrores é visto nos casos de Laura de Mello e Sousa (1986), porém no nosso caso em análise não se assemelha com esses devido não haver um contato de direto do pai do José Hélio com a água do rio. Nem a simbolização do rio como Grande Mãe, pois a alma de Severo impede a pesca. Caso a pesca de Jesus Gomes fosse completa, poderíamos atribuir uma ligação simbólica entre o significado do Rio Ganges e o Riacho Seco, pois nesse caso o Riacho também seria fruto de abundância. A similaridade ocorre, por outro lado, pelo espaço comum que o rio simboliza nos casos de Carlos e do rio Wye. O rio parece ser uma fonte comum para assombros e infortúnios: um lugar de assombração.



Identificamos, assim, que diferente dos outros casos que envolvem o rio como símbolo e espaço de ação para os sujeitos que, ao adentrar um espaço, pode-se modificar seus usos. As práticas que realizam corporificam os lugares, lhes dão outros significados. A interação entre sujeito e espaço se modifica, e constrói novos modos de interação. Percebemos que os locais, mesmo que aparentemente simples, contém especificidades e ao que parece segredos a serem desvendados, conforme afirma Aleida Assmann (2011). Quando analisamos cada ação dos sujeitos e da assombração no evento, articulamos uma série de significados tanto para o evento em seu desenrolar como para o espaço e os lugares que ali se encontram. O confronto dos sujeitos com a assombração, como temos demonstrado, faz surgir novos significados para os mesmos.

Identificamos também uma prática da assombração: o ato de lançar a tarrafa junto. A intencionalidade por trás dessa ação é impedir que alguma pessoa pesque os peixes daquele local. O que sabemos é que quando era vivo, Severo pescava bastante naquele rio, especificamente naquela beira do rio perto do poço que leva seu nome. Não nos é dito como Severo morreu ou porque ele “aparece” especificamente naquele lugar. Não sabemos o que vincula sua alma à beira do rio, se é o próprio rio ou o poço. O que sabemos é que sua prática imitativa é bem sucedida: lançar junto a pessoa que quer pescar fez com que a pesca não ocorresse.

Com tudo isso percebe-se que o futuro do evento que termina com a volta de José Hélio e seu pai sem peixe algum elucida uma quebra no horizonte de expectativa dos dois e de seus familiares, e por assim dizer, do futuro. Será que voltariam outro dia para tentar pescar próximo ao poço? Não sabemos, José Hélio não nos falou mais nada. Mas existe um outro caso em que essa quebra no horizonte de expectativa não ocorre em que me deterei agora.

Trata-se da história de Raimunda Nunes Filha<sup>7</sup> que se passa nas semanas finais de 1980 e semanas iniciais de 1981, na época ela tinha 24 anos. Raimunda morava na sua casa com a irmã mais nova, Sandra, e havia alguns meses que a irmã mais velha, Maria, havia morrido, mais precisamente em 29 de julho de 1980. Certo dia, após chegar da aula da faculdade, Raimunda deitava-se em uma rede no seu quarto, e poucos minutos depois de haver pegado no sono, acorda subitamente, muito assustada, com a impressão de que Maria estava ao lado da rede. Mas essa impressão de estar acompanhada de sua falecida irmã não foi única. Por outras vezes ela experienciou a mesma sensação, e também sentiu algo bater em sua rede.

Diante da crescente frequência do ocorrido, Raimunda passou a rezar. Ela não via nada, mas tinha uma forte impressão que sua irmã estava ao seu lado, ela se assustava e se enrolava, pedindo

---

<sup>7</sup> Raimunda Nunes Filha, 62 anos. Entrevista gravada na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 17 /04 /2018.

em pensamento, pois “você tem que dizer só no pensamento”, que ela não aparecesse. “E rezava e pedia pra ela [a alma] não aparecer, e se fosse pra ela aparecer não aparecesse a mim que eu ia rezar por ela.”. Por sentir muito medo passou a contar o que se passava consigo, pois, segundo ela, se contasse para alguém, ela (a alma) não apareceria. Contou para a sua mãe, Raimunda Nunes, que disse: “pois você reze e peça pra ela não lhe aparecer.”

Com relação a história de lobisomem, existe aqui uma semelhança, também encontramos o espaço da casa e em específico o quarto. A diferença consiste que o evento presenciado por Raimunda ocorre sempre no quarto, enquanto no de Zenaide, a tensão com o assombro ocorre entre a cozinha e o quintal. Outra semelhança advém da história anterior, de José Hélio, não só por ser também um relato de alma, mas pelo caráter de não visualização e interação direta com a alma. A diferença ocorre pelo espaço em que ocorre o evento: na história de Raimunda é o espaço da casa, tendo como lugar o quarto, no relato de José Hélio o espaço é o do rio, e em específico a beira do rio para a pesca.

Essas variações são importantes justamente para identificar a relação que os assombros têm com os sujeitos em determinados espaços e lugares onde ocorrem os eventos. Sem se diferenciar das outras narrativas, o tempo do evento é igualmente percebido aqui. O passado, o presente e o futuro do evento seguem de maneira processual, envolvidos pelas experiências que o sujeito expressa através de sua ação e interação com a assombração. Até porque “a história sempre tem a ver com o tempo, com tempos que permanecem vinculados a uma condição espacial, não só metafórica, mas também empiricamente” (KOSELLECK, 2014, p. 9). Não há a possibilidade de desvinculação do evento com as divisões temporais. O evento é constituído pelo passado, pelo presente e pelo futuro.

O presente do evento, o agora, que ocorre nele, é delimitado pelo acordar, pela sensação da presença da alma e vai até a vontade de realizar a reza; o passado, envolve o percurso de ir para casa e deitar-se na rede até dormir; o futuro é envolvido pela prática de reza e a possibilidade do que ocorre depois. Tomemos novamente como ponto de referência o presente, justamente por ser o momento de interação entre sujeito e assombração. Do presente do evento mapeamos o passado e o futuro do mesmo.

Na narrativa o horizonte de expectativa de Raimunda não surge no momento futuro do evento, ele está sempre sendo recriado: lembremos que a ação de dormir, acordar e sentir uma presença próximo a sua rede se repete. O horizonte de expectativa surge desde o passado, quando ela está a caminho de casa e tem como intenção descansar em seu quarto, mas esse momento de descanso é quebrado pela sensação de ter a alma da sua irmã ao seu lado. A quebra na expectativa

de ter um bom descanso surge, e a vontade de não ver a irmã toma posse dela. Quando isso ocorre ela pede em pensamento para não a ver, pois se pedisse dessa forma, ela não apareceria. Outro fator que reforça para o não aparecimento da alma é contar para alguém. Essas duas práticas não apenas reforçam a exclusão da alma no quarto, como também revela uma interação que Raimunda estabelece com o lugar em que está.

O quarto é intencionalmente, para ela, lugar de descanso, isso é demonstrado no instante que ela chega para deitar-se na rede, mas o quarto sofre uma modificação em seu significado, agora é lugar de desconforto, medo, temor. Essa mudança surge da interação que Raimunda tem, o que ela denominou como sendo uma sensação de presença em seu quarto. Essa tensão entre ela o que ela sente que vai assombrá-la remodela o sentido que é dado ao lugar (Cf. CERTEAU, 1998; TUAN, 1983).

Lembremos que “se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar” (TUAN, 1983, p. 6). No caso narrado, a casa representa o espaço de movimento, já o quarto é o lugar que configura a pausa, pausa essa que constitui a interação entre Raimunda e a alma que ela acredita ser da irmã, que ela não vê e nem deseja ver. Temos que “um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições” (CERTEAU, 1998, p. 201). O lugar de dormida é um ponto fixo no quarto que traduz o medo e a recusa de ver e de receber a alma de sua irmã. A fim de deixar de sentir a presença de sua irmã ela começa a rezar pela sua alma.

Pela divisão do tempo no evento, o presente vai até a reza da alma, e após isso começa a se configurar uma nova possibilidade, em que se enquadra o futuro no evento com a realização da reza. Essa nova possibilidade abre um caminho: um horizonte de expectativa que se completa.

Raimunda não diz em seu relato se a alma precisava de reza para ser apaziguada, mas mesmo assim a reza é utilizada por ela para se fazer livre da alma, pois sabemos que ela pode ter aparecido, mas não no campo de visão de Raimunda, assim como pode não ter aparecido, mas só a sensação da alma está ali ter reverberado nela. A reza é uma prática de expulsão da alma, não em um sentido de fazer mal a essa alma, se dirige mais como uma reza de apaziguamento, como se a alma ainda não tivesse se acalmado (Cf. THOMAS, 1991).

As práticas de reza já eram comuns desde a Baixa Idade Média, quando preces eram usadas como súplica e apaziguamento das almas. “Ao que parecia, a própria salvação poderia ser alcançada por meios mecânicos, e quanto maior o número de preces, mais provável o êxito delas. Assim, tornou-se valioso que outras pessoas rezassem por alguém.” (THOMAS, 1991, p. 47). A salvação

aqui simboliza a garantia que a alma estaria bem no além cristão-católico e quanto mais se rezasse, mais chances teria de ser eficaz. Rezar por alguém era conveniente tanto para a alma que teria sua salvação como para a pessoa que rezava, que ficaria livre da alma que requisitava os sufrágios.

Vemos que o caso de Raimunda se assemelha muito, na sua cultura religiosa cristã-católica às preces evocadas as almas mencionadas por Keith Thomas (1991) e ao caso de Josefina, citado no começo, conforme afirmou Gilberto Freyre (1987). Raimunda logo recorre à reza como prática de auxílio: aqui a alma não pede por reza, mas ela reza como forma de conforto tanto para ela como para a alma de sua irmã. Também devemos lembrar que Raimunda reza para extinguir o medo que tinha de poder chegar a vê-la. A reza é uma busca para voltar a recriar uma zona de conforto, assim percebemos que aquele lugar de medo e temor que o quarto tinha se tornado, agora é reconfigurado, e isso ocorre justamente pela realização da reza intencionalmente. Essa interação do sujeito com o lugar a sua volta remodela as sensações do mesmo e também do espaço como um todo que é a casa.

Percebemos no nosso caso que há uma regularidade e uma variação. As almas que buscam por rezas estão situadas no purgatório, como revela Jean-Cloud Schmitt (1991). Mas a alma da irmã de Raimunda não expressa um pedido diretamente, ela simplesmente se faz sentir presente para sua irmã. Esse ato de se fazer presente delinea a forma que a alma de Maria recorre como forma de pedir reza, isso fica implícito, pois Raimunda diretamente lembra que deve rezar pela alma da irmã, apenas esta se fazendo sentir, sem falar qualquer palavra. Isso se diferencia dos pedidos de sufrágio da Idade Média, onde muitas vezes as almas pediam diretamente sufrágios em seu nome para as pessoas aquém que eram próximas em vida (Cf. SCHMITT, 1991).

A alma em busca de reza encontra paralelo também envolvendo o Purgatório na época do Brasil Colonial. A imagem do purgatório consolidada desde Dante Alighieri, em *A Divina Comédia*, ganha destaque. Esse entremeio que o purgatório representa entre o céu e o inferno é o espaço por excelência das almas que buscam orações. E é dentro dessa mentalidade cristã que a cultura religiosa ganhará corpo e a reza para apaziguar a alma será utilizada. Porém no próprio Brasil colonial essa prática não será exclusiva para atender os sufrágios das almas, será também um meio de invocação como o faz uma feiticeira: Antônia Maria (Cf. SOUZA, 1986).

A variação com essa historiografia consiste que no relato de Raimunda não há uma prática de reza que busca invocar almas, a alma é apenas sentida dentro do lugar que é o quarto. Essa diferenciação demarca usos singulares de lidar com a alma dos mortos dentro de uma religiosidade cristã-católica. Quando comparamos as diferenciações percebemos a distância temporal, e essa



distância interfere na forma com que a prática religiosa é adotada e como a relação entre sujeito e alma se configuram naquela temporalidade.

Na Região do Cariri, no Ceará, por exemplo, também encontramos experiências semelhantes. Rezas são pedidas por almas de pessoas próximas que já morreram. No caso, para parentes próximos. Em um relato, Maria do Horto “sentiu a presença de uma voz misteriosa que dizia ser desnecessária sua oração, já que o morto não a desejava, por estar no esteio infernal” (SANTOS, 2017, p. 160).

Vemos que aqui a alma não se encontra no purgatório, e ao que parece as orações só funcionariam caso não estivesse no inferno. Quando comparamos com o relato de Raimunda vemos que a alma de Maria, sua irmã, é sentida e que esse ato de ser sentida é possivelmente uma busca pela reza. Diferentemente do caso de Maria do Horto, em que a alma se comunica diretamente dizendo que não adianta rezar, pois se encontra no inferno, a alma da irmã de Raimunda busca, ao que parece, apaziguamento, e por isso a prática da reza que Raimunda realiza, reforçada por sua mãe, contribui para que a relação entre a alma, Raimunda e o lugar do quarto, façam forjar um lugar de conforto novamente, onde a alma de sua irmã irá embora.

#### 4 Considerações Finais

Dessa maneira a narrativa que propus se completa, caminhando de estradas para rios, casas e quartos, percebemos que os trajetos podem nos levar a surpresas que antes não eram uma expectativa. Adentrando casas e a intimidade de seus quartos e cozinhas pudemos sentir a relação que as pessoas tem com o lugar que está sob seus pés e ao seu redor. Percorrendo um caminho para a pesca que nos leva a pisar na terra molhada da beira do rio, achávamos que o alimento seria, enfim, pescado, pois a fome talvez já latejasse. Contudo, a narrativa não enveredou por esses esperados caminhos.

Entre expectativas, surpresas e medos não só identificamos ou mapeamos, como também sentimos os lugares percorridos, que atravessados, podem interferir na vida de nossos personagens. Os espaços parecem esconder assombros! Estes estão presentes onde, em muitos casos, não se esperava. Entre o lobisomem e seus “rebulços” de transformação, a alma que lanceia em beira de rio, até a alma ao “pé” da rede, caracterizamos as sensações dessas pessoas, relacionamos a interação que os espaços e os lugares permeiam em suas experiências. Definimos como o evento se enche de possibilidades de análise e de narrativa quando queremos inquiri-lo.

Desbravamos o desenrolar temporal no evento que se passa, conforme as pessoas realizam suas ações. O atravessamento do passado, presente e futuro é implacável para as pessoas, o tempo

não os espera, ele continua, é inevitável. Mas através de memórias pudemos tecer histórias e observarmos como esses estratos temporais têm peculiaridades no próprio desenvolvimento do evento. Estratos que afirmam um passado-presente, um presente-passado e um presente-futuro.

### Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos da Fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder: em São Paulo no século XIX**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução a arquetipologia geral**. 4. ed. São Paulo: Editora WFM Martins Fontes, 2012.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. Editora Companhia das Letras, 1988.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: Estudos sobre História**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. 368 p.



LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **A mística do tempo: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE**. Fortaleza, f. 327, 2017. Tese (Programa de pós-graduação em História) - Universidade Federal do Ceará.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.